

ANNO 2º

Nº 91

# O AMOLADOR

REDACÇÃO RUA DOS PRINCIPES Nº 86



Ora até que afinal chegamos ao termo do lugar denominado 7º trimestre.  
— Com entusiasmo saudamos a todos os nossos favorecedores que em toda esta viagem nos acompanharam; e toca a preparar para nova viagem, esperando essa mesma coadjuvação que até o presente nos tem sido dispensada.



# CHRONICA.

## O que vai pelo mundo

De sua digressão ás cidades de Pelotas e Jaguarão, chegou a esta cidade a bordo da canhoneira *Henrique Martins*, o illustrado administrador da provincia S. Ex. o Sr. Dr. Azevedo Castro.

A seu desembarque compareceu grande numero dos cidadãos mais notaveis desta cidade, assim como os Srs. Camillo José de Carvalho, dignissimo inspector da alfandega desta cidade, guarda-mór da mesma repartição America Fernandes da Cunha, o illustrado Sr. Antonio Moreira Cezar administrador da mesa de rendas provinciales, diversas autoridades civis e militares e muitos outros funcionarios publicos cujos nomes não nos vem agora a lembrança.

A t' das estas pessoas o illustrado administrador da provincia dispensou aquella amabilidade, e cavalheirismo que tanto o distingue e que o torna recommendavel ás sympathias do povo rio-grandense.

S. Ex. hospedou-se no palacete do Sr. commendador Eufrazio Lopes de Araujo, aonde foi visitado constantemente pelas pessoas mais gradas do lugar.

Em companhia de S. Ex. o Sr. Dr. Azevedo Castro, veio como seu secretario, o nosso distincto collega redactor do *Jornal do Commercio* da capital, Sr. Aurelio V. de Bittencourt, á quem dirigimos as nossas cordiaes saudações.

«—»

S. Ex. o Sr. presidente da provincia depois de ter visitado alguns edificios publicos da cidade, e ter tudo examinado com zelo e dedicação, seguiu para Porto Alegre, na mesma canhoneira, quinta-feira 23 do corrente.

Queira Deos que o municipio do Rio Grande, alguma coisa aproveite com a vinda a esta cidade do Exm. presidente da provincia.

E' de esperar isso desde que abi estão bem patentes os melhoramentos que o governo da provincia tem posto em pratica, e continúa a dar providencias e prover as mais palpitantes necessidades de todos os ramos do serviço publico.

A viagem de S. Ex. a uma parte do sul da provincia, bem patentea, que o illustrado administrador não é surdo as reclamações que lhe são feitas, pela imprensa.

Repetimos, o municipio do Rio Grande não terá que arrepende-se da visita do Exm. presidente da provincia á cidade do Rio Grande.

«—»

Pois meus leitores ainda estou por saber as razões que teve lá a iminentissima Sra. *Western Brazilian Telegraph Company*, para sem mais aquella, de um dia para outro, zangar-se connosco e annunciar pelos jornaes, que o preço de seus telegrammas por baixo do mar, daquella data em diante seria um tanto excessivo;

sendo por palavra e sem admittir abatimento algum, os seguintes preços :

|                              |        |
|------------------------------|--------|
| A' Montevideo.               | 1\$600 |
| A' Santa Catharina . . . . . | 1\$600 |
| A' Santos . . . . .          | 2\$200 |
| A' Rio de Janeiro . . . . .  | 3\$200 |
| A' Bahia . . . . .           | 3\$200 |
| A' Pernambuco . . . . .      | 3\$200 |
| A' Pará . . . . .            | 3\$200 |

Isto a principiar no 1º de Janeiro em diante.

Será esta resolução alguns apuros que por lá andão ou quererá a illustre empresa aproveitar a prosperidade de nosso commercio, que actualmente é uma coisa nunca vista, para tão desapidadamente sangrar-nos na bolsa?

Em todo o caso direi : não me conformo com a resolução da empresa.

Isso é querer enriquecer muito depressa. Nam com tanta cede ao pote.

No entretanto para se não perder o tempo e o feitiço; dirão os filhos da velha Albion.

*Tyme ys money*; a safra vai dar principio e por consequencia manda quem pôde.

Quem é pobre não tem luxo.

O preço é este e dahi não mais abatimento.

E só assim meus leitores poderá seguir de vento em popa a *The Western & Brazilian Telegraph*.

*It is agreat deal of money.*

Será isto cousa para inglez vêr?

«—»

O nosso amigo 1º tenente da armada e digno immediato da canhoneira *Henrique Martins*, Sr. José Alves Coelho da Silva, acaba de soffrer uma irreparavel perda.

Quando cheio de jubilo e o coração a transbordar-lhe de alegria, ia abraçar a cara esposa e ternos filhinhos depois de uma ausencia de mezes; é quando a cruel parca com sua destruidora foice, decepa o fio da existencia de sua interessante filha Juditte que apenas contava 4 annos de idade.

Altos decretos da Providencia. Sorrisos e flores em um momento, transformarão-se em as mais acerbas dôres, e prantos.

Apenas cumprida a sua curta missão na terra, voou aquelle anjinho a celestial côrte d'onde emanou.

Lá junto ao Redemptor do mundo, esse anjinho saberá suplicar a Misericordia Divina para seus progenitores que saudosos, ficão a prantear-lhe a existencia neste vale de lagrimas.

Ao nosso amigo Coelho e sua illustre consorte desejamos toda a resignação possivel para supportarem golpe tão profundo.

«—»

Sabem, que para nós os filhos de Santa Cruz, foi um verdadeiro jubilo, quando se soube não passar de historias o naufragio de nosso encouraçado *Brasil* nas costas do Albardão.

Maldado Albardão ! Sempre este lugar o destinado para cumulo das desgraças da humanidade !

Quem sabe se será necessario que o nosso bispo Larrangeira deite por aquelles sitios algumas gottas de agua benta ?

Andará por ali o tinhoso a fazer das suas ? Parece.

«—»

Mas como vos ia contando, a respeito de nosso encouraçado *Brasil*.

Como os leitores sabem, se é que estão á par das cousas que se passam pelo mundo, como este vosso creado que tem por dever não deixar passar *camarão pela malha*.

Mas, como devem saber ; desgraçadamente e por incuria de quem não sei: perdemos lá pelas Franças o nosso *Independencia*; e com elle um bom par de contos de réis, cuja falta deixou a tñir e sem vintem os cofres destes estados brasileiros.

Perdiamos agora o *Brasil*; e por consequencia, sem independencia e sem *Brasil*, o que seriamos hoje sem esses mais preciosos thesouros ?

E' pois o motivo porque recebi com jubilo a noticia de ter saído da entalladella em que se achou o heróe do Paraguay o invicto e glorioso *Brasil*.

Antes assim.

«—»

Depois de ter voltado a *tranquillidade publica* aos districtos de Tabym e Albardão, o reverendo Cicirielo pastor daquellas ovelhas rebelladas, já se acha tambem um pouco mais tranquillo; e não mais pensa em seguir para Porto Alegre em missão especial junto ao Exmo. bispo Larrangeira. *Tutti le nemico se è ritirato, per lá infallibili Santità.*

Por esse motivo, meu reverendo vigario, meus parabens e vá ganhando ciento per ciento com suas ovelhas, *contenti, di non má promoverem lá disordini.*

Vedremo....

«—»

O Sr. Alvim Junior director do collegio *Alvim* á rua Pedro II trata de melhorar esse seu estabelecimento de instrucção da mocidade rio-grandense, afim de com mais vantagens ser ali offerecido o estudo primario e secundario aos alumnos que frequentarem aquellas aulas.

E para esse fim tem o Sr. Alvim contratado tres distinctos professores, cuja intelligencia e aptidão são bem conhecidas dos Srs. paes de familia.

Chamando a attenção dos interessados para o annuncio que a respeito corre impresso nos jornaes diarios, felicitamos ao director do collegio Alvim pelo futuro brilhante que lhe está reservado.

«—»

Os Srs. Nunes & C., abrirão no dia 25 á rua Pedro II esquina da do Andrade Neves um bem surtido armazem de seccos e molhados.

Ahi nesse importante estabelecimento que rivalisa com as mais importantes casas de igual classe nesta cidade, encontrarão os freguezes o que ha de mais superior em liquidos, e em diversos generos de primeira necessidade, o que tudo é vendido aos mais commodos preços, e ao tñir do metal, ou mesmo papel.

Para esta nova e importante casa de commercio, chamamos a attenção dos amantes das boas petisqueiras.

Rio Grande, 25 de Dezembro de 1875.

ASMODEO.

O Sr. J. Macedo, joven em quem reconhecemos alguma habilidade, obsequiou-nos com o seguinte escripto, á que damos publicidade, á seu pedido :

## O litterato fachada e o seu conto.

( APRECIACÃO. )

Sahirão á luz, n'um monstruoso parto, emplastados na *Semana* uma *Não* e um *Artista* em additamento ao que já de si ejaculara o autor n'um jacto de rancorosa bilis contra o seu censor.

« Com a mão na espada, irado e não facundo,  
ameaçando a terra, o mar e o mundo ! »

Puah ! puff !... E cuida que de tal arroganho tigura esparvorado o *Estrangeiro* como se só ao nacional se permittira a liberdade do pensamento e apreciações. Mas o *Estrangeiro* se ri, e diz que algimericos coriscos são fumacinhas que o menor vento dissipa.

A *Não* e o *Artista*... um conto de asneiras ! (que já não é pouco) — Como o não chama antes o autor — Romance ? Por modestia, talvez, que merecimento lhe não falta, creio eu. Gonçalves Dias, o grande poeta, teve um monumento... immerecido... Eis, eis o verdadeiro genio que desponta, junto ao qual é tudo pé e nada. Por sobre tantos destroços já uma outra estupenda estatua se levanta.

Litteratos, saudai o moderno Rhodes, ou voltai á face, envergonhados; poetas d'agua-doce, que só cantai amor e saudades, paraí: eis o poeta fachada luzeiro da Litteraria !

« A lua assomava tectrica e funesta derramando um clarão avermelhado como o de uma tocha funeraria.... »

Tocha funeraria ! Linda comparação, deveras, e feliz, além de que não sei em que possa ser funesta a pobre luz que, apesar de tectrica, ainda assim derrama clarão e demais a mais avermelhado.

« O mar era quedo como um lago de flores, limpo e sereno como uma nuvem em tempo de verão.... »

Sim, senhor : fico sabendo agora que ha navens limpidas, e sómente no verão, lago de flores e mar quedo que com elle se parece.

« Oscilava a tona d'agua uma opulenta não de guerra. »

Certamente no fundo não oscilava ella, mas tambem á tona... Seria acaso alguma rolha de cortiça a sua não ? Este opulenta que que quer dizer ? Corpulenta ? Ainda bem.

« Na raia do horisonte.... »

Raia quer dizer limite. Tem, pois, limites o seu horisonte. Já o andou demarcando ou medindo, o Sr. ?

« Um ruido surdo e prolongado fez tremer o vasto oceano. »

Mesmo surdo fez tremer : que seria se fora elle indistincto como aquelle som das ondinas de que tão mimosamente nos falla !

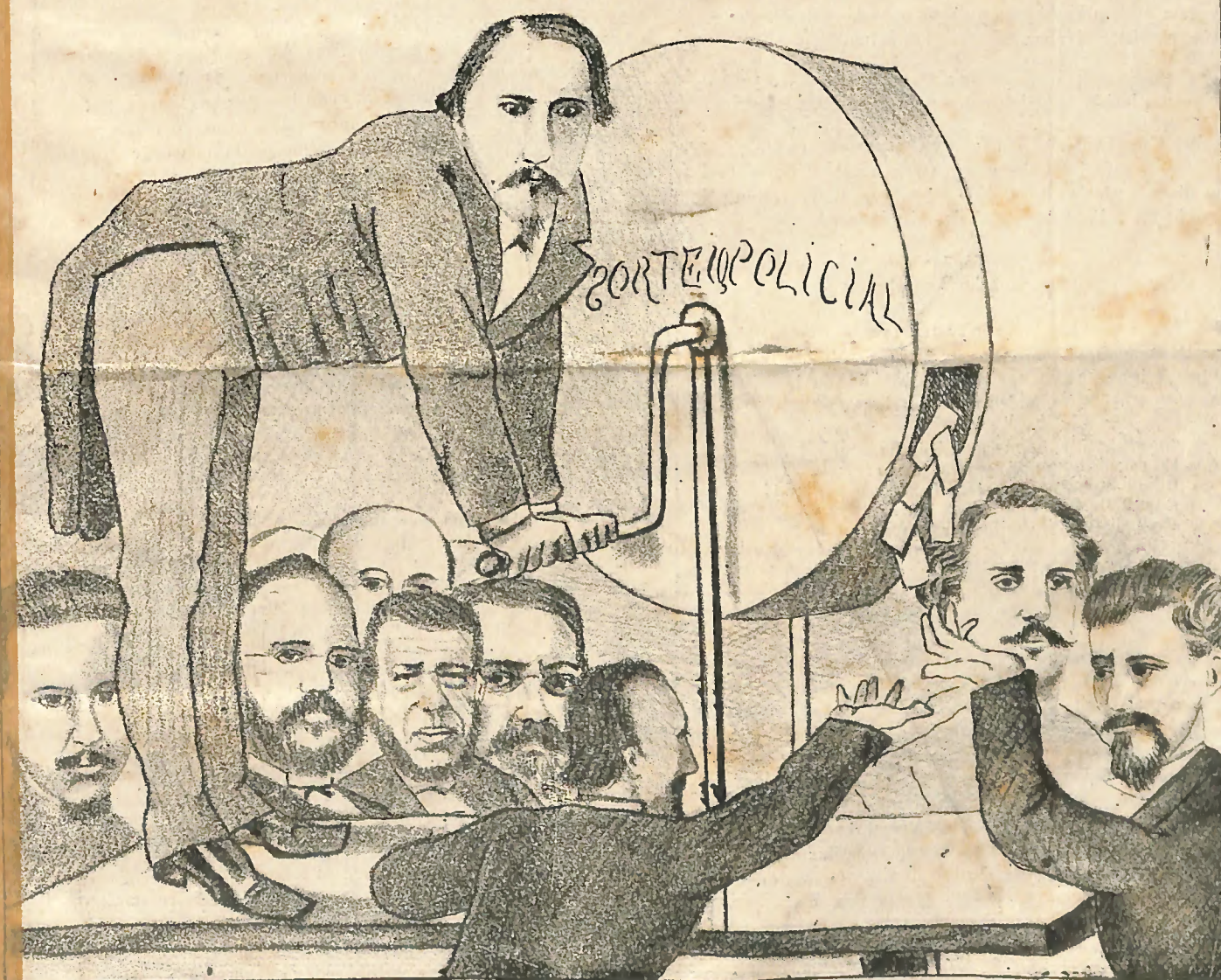
Mas em que mar isso se deu ? No Atlantico ou no lago da Garibanda ?





S. A. a princeza imperial e o príncipe do Grã-Pará.

(Vide o texto.)



Não havendo nesta cidade quem queira aceitar a prebenda policial, S. Ex. o Sr. chefe de polícia, resolveu recorrer ao sorteio.



E' verdade, eu estava na China nesse tempo, e vi, vi que o tal mar também lá tremia a bom tremer.

« O raio divagou... poisou... »

O Sr. litterato é sofrego demais em ajuntar palavras sem a nada attender. E' a isto que chama — seus principios litterarios? Na verdade é um estylo todo novo o seu, original em tudo como sua pessoa: muito ha de aproveitar com elle a moderna litteratura e a sua litteraria, da qual é um dos muitos oradores. Parece-me que o estou já vendo coroado de flores amanhã, e levado em charrola, a pão e corda, a guiza de porco, com zabumba e matraca, ao tempo da fama.

« Novo raio —partio-a (a não) de meio a meio. »

Irre !.... Nunca vi affeitos tão surprehenderes. Se este raio divagasse por sua cabeça, certo não poderia afirmar que o vio divagar: eu é que mui seguramente poderia afirmar-lhe que seus principios irião divagar pelo mundo da lua.

« Um azulado e amortecido clarão bello como  
« um lucido sendal de puro anil... »

Como? Pois já estamos em terra? Estavamos no mar.... E' que o nosso litterato fugio do mar para as montanhas, como se costuma dizer, a pés de burro. Não sei porque agente a luz aqui se decompõe em belleza de sendal de anil: é segredo seu.

« O sol com todo o esplendor com que costuma ostentar-se durante o mez de Dezembro... »

Não, senhor; o sol não tem por costume cousa alguma; obedece a uma lei immutavel da natureza, brilha e rebrilha sempre: não lhe bote o litterato peneiras e verã. Não ha duvida, é o homem das comparações; aprendeu nesta escola:

« Eu quebrei mato que nem boio barabo  
« Eu rompi folha que nem vacca par...;  
« Olho delle como vem regallado (esbugalhado)  
« Cara delle feito cobra danada.  
« Dente delle feito milho torrado. »

Mas nada como isto:

« Os passaros alavão-se de seus luxuriosos catres. »

Que portentosa descoberta! Eu cá para mim sempre tive que catre fosse cousa de uso nosso; como, porém, inventarão-se as cammas francezas, e aquella antiquaria cabisse em desuso, é bem provavel que os passaros, seguindo o systema de imitação entre nós, acolheem a fugitiva moda, desprezando os ninhos. Assim é que não será de admirar ver, um dia, por uma manhã de primavera, os passarinhos surgirem com sua cama franceza, lavatorio etc.etc., tudo luxurioso. Diga-me, como foi o Sr. descobrir que os taes catres erão luxuriosos? Luxurioso é aquelle que tem luxuria, e o Sr. lexiographo que despreza por inutil o dictionario, abra então a cartilha do padre Ignacio, e lá verá que luxuria é um peccado mortal, no qual faz tão desgraçadamente cahir os seus miseraveis catres. Crede!

Tudo era silencio, a não ser o som brando e indistincto das ondinas impellindo o macerado e dorido cadaver de um pobre moço que com os cabellos rigados e gotejantes, labios carcomidos e olhos esbugalhados, representava fielmente a estatua da dor e da afflicção.

Justamente; foi assim que Raphael a pintou essa bella estatua. Sons indistinctos que se ouvem, cadaver que sente!.... E aquelle morto vinha impellido pela ondina e consequentemente meio mergulhado nas aguas. Expliquem-me agora como se riçavão aquelles cabellos, como gotejavão?

O desgraçado deu sem duvida com a cabeça n'alguma pedra occulta no fundo do oceano pois traz os olhos esbugalhados. Infeliz! ainda depois de morto, esbordado.

« Contemplei aquella fronte pallida e attribulada onde  
« Se exemplava o verdadeiro toqua da poesia. »

Não está má a tal poesia. Sua mercê deu busca ás algibeiras, examinou, cheirou.... Sabia a poesia! A historia da *Não*, principal personagem, parece que terminou: começa agora a do *Artista*. Os cantos de sua mãe tem azas e por isso adejão; tem cor, e por isso são pallidos.

O berço ignobil pode também ser pallido, tectrico e lugubre e funesto. Era assim o berço do autor, e por isso elle padecia, se é que ainda não padece, de dores de barriga. Dahi vem a sua grande magreza a semelhança de lombriga com pernas de magarico, e talvez a sua myopia que tanto reclama esses immensos oculos de velho tabaqueiro. Olhe, não se esqueça do lenço encarnado para o pinga do nariz.

Adiante.

A historia do *Artista* é uma empedernida lagrima perdida no ambito do mundo.

Entenderão? Pois nem eu.

« Puberdade sinistra como a pernicioso aza do abutre —Vá lá— um premio a quem decifrar.  
Isto só de uma cabeça de avelan.

Segue-se uma centena de banalidades ensossas e o autor, de pois de fungar um pouco, toma folego e manda esutar pela terceira vez.

« Junto ao lar paternal... »

Tenho onvido dizer domestico....  
Ai! a sebossa vela... Haja cautella.

Um punhal cuja lamina perfeitamente brunida transluzia ao clarão que se dissipava da sebossa vela que alumina-vamos como se estivesse a s raios salares....

O clarão dissipava-se a si mesmo, dissipava a vela, ou a sebossa vela dissipava o clarão?

Estivesse aos raios do sol, o que? A vela, o *Artista*, a mãe? Aqui geme a grammatica n'um ultimo arranço.

Mas vem cá — então o seu heróe aos 8 annos já era poeta, já cantava a sua *ella* e encontrava uma mãe que lhe mettia na mão um punhal *parricida*?! E fuge espavorido....

Que candidez! Não sabe como poudo elle viver, e diz que esmolava e roubava. E' um personagem digno de imitação. Que luzes de moral nos reverbera aquelle modelo! Ao pobre faminto, chama-o insaciavel, e para o insaciavel pede uma migalha podrida. Este podrida está me cheirando a hespanhol. Como se entende aqui a santa caridade que dá o vintem azinhavrado? Diga-me uma cousa: o Sr. já mendigou? Quão máos reputa os homens que os faz soltar gargalhadas aquelle que estende a mão e pede por amor de Deos.

Parece que assim não pensava quando faz alimentar-se de es-

molias. Este heróe pobretão, ao inverso dos demais pobres, pede esmola a correr:

« Sempre com a minha desgraçada carreira... »

Era um louco ou mendigo? Está bem certo?

O esfaimado, a quem se pergunta o que quer, responde logo: — comer; mas o senhor litterato, que tira da harpa do velho italiano *Sons acusticos*, sustenta de musica o seu heróe, e manda-o bugar.

Um conselho:

Vá ao Passeio, sirva ahi de palito (que para isso é bem fino) aos maganões que o desfrutão; vá ao theatro, aos bailes, onde quer que o aturem; dê por toda parte copia de si, faça brilhar emfim o seu talento; deixe, porém, em paz os pobres typos, nem suga tanto papel que melhor uso póde ter. Mas em vez de cuidar em dar-se uns ares enfatuados e pedantescos de grande sabichão muito cheio de si, de andar affectando uma redicula erudição, emendando, criticando, discursando, não seria melhor esquecer o que sabe e aprender o que não sabe? Cresça e appareça.

Tive noticia pelo *Diabrete* de hontem que o nosso heróe vivera oito ou nove annos nas aguas de um rio em Veneza. E' uma grande descoberta que vem enriquecer a sciencia. Prom'to pas-sal-a em revista com mais vagar.

Rio Grande, 20 de Dezembro de 1875.

J. Macedo.

### Um segredo.

— Diz-me agora o teu segredo  
A' sombra deste arvoredro.  
Que ninguem mais ouvirá!  
Diz-me não tehas receio  
Tira do peito este anecio  
Conta o segredo — mas já.

— Canta além o rouxinol  
Aos frouxos raios do sol  
Que da terra vão fugindo  
Voa a branca mariposa  
Em volta da branca rosa  
O triste adeus desferindo.

« Ouvirás o meu segredo  
Debaixo deste arvoredro  
De juras que o não dirás  
Pois pela Virgem te peço  
Que o meu —segredo— de accessio  
A alguém contar não vás. »

— Juro por esta ramagem,  
Por este cêo, esta aragem  
Que o não direi a ninguém  
Juro mais: — que hei de amarte  
Nesta roça, em toda a parte  
— Nas outros que o mundo tem! —

« Ouve pois o meu segredo —  
E' testemunha o arvoredro  
E a branca Javiti;  
O meu —segredo— é: amar-te  
Nesta roça, em toda a parte  
— Viver ao lado de ti. »

21 de Setembro 1875.

Juvenal d'Acamor Junior.

## Conselho.

(a.....)

Foge donzella das falsas promessas.  
Deixa essa dança que te causa damno.  
Tira das faces o carmin que has posto,  
Deixa este mundo, este viver insano!...

O campo é bello!... Quando vem a aurora  
Rasgando as trevas desse immenso vóo:  
Ouve-se alegre pipilar das aves,  
Gorgeios lindos, — como é lindo o cêo:

Na synstiva, nas flores do prado  
Ve-se á tardinha —lindo— beija-flor,  
Ouve-se a rôla no feral cypreste,  
Chorando a perda de constante amor.

Ouve-se o canto da gentil —camponia  
Que alegre ceifa o trigo no prado...  
Ouve á tarde no mosteiro o sino...  
Vê-se o camponio recolher seu gado...

Prefere o campo onde tudo é vida;  
Deixa este —mundo de infernal bulicio,  
Rasga essas sedas que fazem feia  
Deixa essa dança, onde se accoita o vicio!

Eis o —conselho— que deves seguir.  
Deixa a —cidade— que te causa damno,  
Tira das faces o carmin que has posto,  
Deixa essa vida, esse viver insano.

24 de Julho.

J.J.T. de Azevedo Junior.

Os retratos de SS AA. II. que hoje ornão uma das paginas illustradas do *Amolador* são reproduzidos de um desenho do *Mosquito* do ultimo numero, bonito trabalho devido ao lapis do intelligente artista Bordallo Pinheiro.

## AVIZO.

### Pela ultima vez.

Rogamos aos nossos assignantes que se achão em atrazo com suas assignaturas e obsequio de saldarem seus debitos aos nossos encarregados da cobrança.

Impresso na typ. do ARTISTA.





Se V. S. continúa a molestar-me com sua varinha, vejo-me na dura necessidade de abandonar o lugar com toda a minha trupe.